

O BATISMO DO SENHOR | PRIMEIRO DOMINGO APÓS EPIFANIA

TEXTO: **MARCOS 1.4-11**

1. Leituras bíblicas do Domingo

Salmo 29: A gloriosa majestade do SENHOR domina este cantico, com o cenário inicial no céu, onde seres sobrenaturais Lhe prestam homenagem; com o impulso violento da tempestade que entra do lado do mar, passa pela totalidade de Canaã e vai indo pelo deserto afora; e com o clímax sereno, enquanto os trovões desaparecem, o SENHOR aparece entronizado em julgamento sobre Seu mundo, mas também para ser uma bênção entre Seu povo. No versículo 3, a voz do SENHOR é imediatamente relacionada ao trovão proclamando o Seu poder criador (KIDNER, 1973, p.143).

A seguir, conforme os versículos 5 e 6, este trecho profetiza o DIA DO SENHOR, quando, então, cedros e montanhas, juntamente com tudo quanto os homens acham impressionante, serão abatidos. Embora toda demonstração do poder de Deus traga consigo uma lembrança deste juízo final, neste Salmo o tom dominante é de alegria emocionante, que é expressada no grito de aclamação, conforme está escrito no versículo 9: “...*Enquanto isso, no seu Templo, todos gritam: Glória a Deus!*” (KIDNER, 1973, p.145).

Gênesis 1.1-5: O versículo inicial, “*No começo Deus criou os céus e a terra*”, conforme Gn 1.1, é mais que uma simples indicação de tempo, ele mostra que o princípio está ligado com o fim. Deus está presente em todo o processo da criação. Ele é “*o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim*” (Ap 21.6). Enquanto Deus não falou, não existia nada. Durante o processo da criação, o Criador dá a cada coisa o seu valor, o seu lugar e o seu significado (KIDNER, 1981, p.41).

Deste modo, a Bíblia afirma que Deus criou o mundo (Sl 90.2; Jr 10.16) e que ele o criou a partir do nada, por meio de Jesus Cristo (Rm 4.17; Hb 1.2). Somente Deus tem o poder de criar e fazer a existir a partir do nada. O fato de que somente Deus é o criador de tudo que existe afirma que ele é o único Deus verdadeiro. Deus age livremente para refletir o seu caráter, “*tudo o que havia feito era muito bom*” (Gn 1.31) (Bíblia de Estudo da Reforma, p.13).

Conforme Gn 1.2, o Espírito de Deus estava ativamente envolto na criação do mundo. O Espírito de Deus é o Espírito Santo, a terceira pessoa na Trindade, presente no Batismo de Jesus em forma de uma pomba (Mc 1.10).

Romanos 6.1-11: Neste texto bíblico ocasião em que a Igreja lembra especialmente o Batismo de Jesus, o apóstolo Paulo mostra, aqui, o poderoso efeito do Batismo na vida do ser humano. Um detalhe que chama a atenção é Paulo dizer, nos versículos 3 e 4, que no Batismo, o ser humano está unido com Jesus em sua morte e, assim, é sepultado com ele. Mas para que o ser humano morre com Cristo? O próprio apóstolo responde dizendo (Rm 6.6-7): *“Pois sabemos que a nossa velha natureza pecadora já foi morta com Cristo na cruz a fim de que o nosso eu pecador fosse morto, e assim não sejamos mais escravos do pecado. Pois quem morre fica livre do poder do pecado. Assim também vocês devem se considerar mortos pelo pecado”*.

Lutero comenta que *“o Batismo significa duas coisas: morte e ressurreição, isto é, a justificação plena e consumada”* (LUTERO, 1989, p.383). Ele também ressalta que o morrer ou afogar-se do pecado não se completa inteiramente nesta vida, até que o ser humano morra corporalmente e se torna completamente em pó (LUTERO, 1987, p.415). Pois, o Sacramento ou sinal do Batismo se realiza rapidamente, de modo que é possível vê-lo com os nossos próprios olhos. Contudo, o significado do Batismo espiritual, o afogamento do pecado, este dura enquanto o cristão viver e só é consumado na hora da morte (LUTERO, 1987, p.416).

Lutero ressalta que isso leva o cristão a compreender que esta vida é um constante batizar espiritual até o seu final, neste sentido fica determinado o que Paulo disse conforme Rm 6.4: *“Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida”* (LUTERO, 1987, p.416). Em nosso Batismo, não só morremos com Cristo para o pecado, mas também renascemos com ele para uma vida nova, vida para Deus, vida comunicada, transmitida, dada e implantada em nós pelo próprio Deus Espírito Santo quando recebemos o Batismo.

2. O texto de Marcos 1.4-11

Vv. 4-6: João Batista, o mensageiro de Deus surge, pregando no deserto, exatamente como fora prometido. O deserto lembra a saída do povo de Israel livre da escravidão do Egito. Deus acompanhou o povo de Israel na peregrinação pelo deserto até a entrada na terra prometida. Agora Deus está começando um novo Êxodo. Multidões vão ao deserto para ouvir a João Batista. Embora nenhuma voz profética tivesse sido ouvida por séculos, os fiéis continuam esperando que Deus cumpra suas promessas. Eles creem que um profeta surgirá nos últimos dias, preparando o DIA DO SENHOR.

Essa esperança é alimentada pelas palavras de Deus por Malaquias 4.5: *“Mas, antes que chegue aquele grande e terrível dia, eu, o SENHOR, lhes enviarei o profeta Elias”*. Esse profeta

anunciaria o cumprimento das antigas profecias, um dia de julgamento e de salvação. Marcos apresenta a primeira evidência do elo entre João Batista e Elias. João é o precursor prometido, um profeta de grande importância escatológica que cumpriu sua missão proclamando: “*Alguém está gritando no deserto: Preparem o caminho para o Senhor passar! Abram estradas retas para ele*” (Mc 1.3) (MULHOLLAND, 2005, p.31).

A mensagem anunciada por João Batista vincula três aspectos: arrependimento (uma nova atitude de coração e mente), acompanhado da confissão (uma demonstração audível do arrependimento), e Batismo (uma representação visível do arrependimento). Arrependimento (do grego: *metanoia*, mudança de mente). Conforme o dicionário de Almeida, arrependimento é uma decisão de mudança total de atitude e de vida, em que a pessoa, por ação divina, é levada a reconhecer o seu pecado e a sentir tristeza por ele, decidindo-se a abandoná-lo, baseando sua confiança em Deus, que perdoa (Mt 3.2-8; 2Co 7.9-10; 2Pe 3.9). O complemento do arrependimento é a Fé.

Chamando os judeus, como indivíduos e como nação, para voltarem-se a Deus, João Batista prega o Batismo de arrependimento. Assim como a mensagem de João Batista prepara o caminho para a salvação prometida, o perdão que ele prega prepara o caminho para o perdão completo, disponível exclusivamente por meio de Jesus Cristo.

Vv. 7-8: O chamado de João Batista para o arrependimento indica que alguma coisa extremamente importante está para acontecer. Ele declara que alguém mais poderoso que ele está para vir. Ele exalta a pessoa de Jesus, a figura central em seu ministério. João Batista é o maior dos profetas (Mt 11.11), mas Jesus é de uma ordem de grandeza diferente. Ele é o Filho de Deus, cheio e dirigido pelo Espírito Santo (Mc 1.10-12). A primeira menção do Espírito Santo neste Evangelho identifica totalmente Jesus com a salvação prometida, associando-o com o derramar do Espírito (Jl 2.28; Ez 36.26). João Batista prepara o caminho para o SENHOR. O povo, por meio de seu arrependimento e Batismo prepara-se para receber o Messias (MULHOLLAND, 2005, p.33).

Vv. 9-11: João Batista é o mensageiro enviado para preparar o caminho do SENHOR. Ele cumpriu sua missão, Jesus veio. O evangelista Marcos identifica Jesus como o Filho de Deus e de forma simples ele diz que “*Naqueles dias, veio Jesus de Nazaré da Galiléia*” (Mc 1.9). Nazaré era uma pequena e insignificante cidade da Galileia (Jo 1.46). Marcos identifica o Jesus ressurreto com o humilde servo de Deus da Galiléia. Nota-se que Jesus faz uma viagem aproximada de 160 km, com o propósito específico de receber o Batismo no rio Jordão. Deus mesmo e o seu Espírito celebram o Batismo de Jesus. Ele não é um pecador, mas o amado Filho com quem o Pai se alegra (MULHOLLAND, 2005, p.34).

Jesus é o Único que batiza com o Espírito. Exatamente como João Batista está posicionado entre a velha e a nova aliança, Jesus é o intermediário entre Deus e o ser humano pecador, representando um diante do outro. Como homem, ele toma para si o julgamento de Deus em relação ao pecado, ou seja, julgamento sobre os pecados de outros, pois ele mesmo não tem pecado (2Co 5.21). Pelo seu Batismo, então, Jesus dá o primeiro passo para identificar-se com os pecadores (MULHOLLAND, 2005, p.34).

Ao receber o Batismo, o Pai declara que Jesus é o Filho enquanto o Espírito desce sobre Jesus. A confirmação de Jesus como o Filho de Deus faz dele um alvo para os ataques de Satanás (Mc 1.12-13). Essa mesma dinâmica se repete nas vidas dos filhos de Deus hoje, quando Satanás faz tudo o que pode para tentar aqueles que são batizados. No entanto, nosso próprio Batismo nos une a Cristo e nos veste com sua justiça (Bíblia de Estudo da Reforma, p.1.621-1.622).

“A boa notícia que fala a respeito de Jesus Cristo, Filho de Deus, começou a ser dada” (Mc 1.1), nos remete ao princípio da criação, conforme Gn 1.1, quando o Espírito de *“Deus se movia por cima da água”*. O Espírito vem sobre Jesus, no princípio da nova criação, como uma pomba que desce, se move e pousa em Jesus. O Espírito Santo não somente se move sobre Jesus, mas vem para pousar permanentemente nele (Is 11.2; Lc 4.18; Jo 1.32-34). O evangelista Marcos diz que o Espírito entra em Jesus. Como Filho de Deus, cheio do Espírito, e guiado pelo mesmo, Jesus age com a autoridade e o poder de Deus (MULHOLLAND, 2005, p.34-35).

Quando Jesus estava saindo da água, ele viu o céu se abrir e o Espírito de Deus descer como uma pomba sobre ele. Então, do céu veio uma voz, que disse: *“Tu és o meu Filho querido e me das muita alegria”* (Mc 1.11). A voz de Deus que havia estado calada por séculos, agora fala a Jesus, seu Filho, em tom de intimidade familiar.

As palavras de Deus a Jesus lembram Isaías 42.1: *“Aqui está o meu servo, a quem eu fortaleço, o meu escolhido, que dá muita alegria ao meu coração. Pus nele o meu Espírito, e ele anunciará a minha vontade a todos os povos”*. Por meio dessa profecia, Jesus é designado como Messias-Rei cuja tarefa é radicalmente reinterpretada em termos da missão do Servo sofredor de Deus. A aprovação do Batismo de Jesus, sinaliza que ele é o filho obediente que se identifica com os pecadores, cuja expressão maior será a cruz (MULHOLLAND, 2005, p.35).

3. Conclusões e reflexões homiléticas

O tema da Epifania e a manifestação da glória de Cristo aos gentios, é evidente em todas as leituras. Podemos observar a presença da terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, presente nos textos, e o mesmo é utilizado pelo Pai como o instrumento da sua afirmação

do Filho. A justiça de Deus em Cristo, Sua alegria e amor pelo Filho, Sua escolha e unção do Amado, tudo é manifesto nessas leituras.

A Epifania começa e termina com a afirmação do Pai, de que Jesus é o seu Filho (o Batismo de Jesus e a transfiguração, conforme Mc 9.7). O derramamento do Espírito sobre Jesus prefigura o derramamento do Espírito sobre seus discípulos, conforme Jo 20.22 e At 2 no dia de Pentecostes. E, da mesma forma, o Batismo de Jesus prefigura e prenuncia o Batismo que ele mesmo instituirá com o propósito de nos incluir em “todas as nações”, conforme Mt 28.19, em sua gloriosa casa, a morada de todos os fiéis.

Nas águas do Batismo, Deus mais uma vez livra o ser humano do mundo dominado pelo pecado, levando-o para dentro da nova criação que Cristo traz. O Batismo é dado inteiramente somente por causa da misericórdia de Deus. Com essa concepção de Batismo, fica entendido porque os cristãos são chamados filhos da misericórdia, povo da graça e pessoas da boa vontade de Deus. O ser humano está em contato com Cristo por meio da fé e pelos sacramentos.

Para Lutero, a força, a obra, o proveito, o fruto e o fim do Batismo é salvar. Ele fala que ninguém se batiza para que se torne príncipe, entretanto, conforme rezam as palavras, para que "seja salvo". Ele ressalta que ser salvo não significa outra coisa a não ser, liberto do pecado, da morte, do diabo, chegar ao reino de Cristo e com ele viver eternamente (CMaior, 2006, p.477).

Deste modo, o Batismo de João teve a função muito importante de confirmar quem Jesus realmente era. Como a voz que veio do céu e disse (Mc 1.11): “*Tu és o meu Filho querido e me dás muita alegria*”. Só depois do Batismo é que Jesus foi reconhecido como o Messias. Como Segunda Pessoa da Trindade, Jesus foi filho de Deus e Salvador de toda a eternidade.

Em Seu Batismo, Jesus não foi apenas identificado pelo Pai como Seu Filho, mas Ele realmente recebeu o poder do Espírito para cumprir Sua missão como Redentor de todos. Só então Ele começou Seu ministério público, que está registrado nos Evangelhos em grande detalhe.

Toda a vida e missão de Jesus era trazer a bondade de Deus ao nosso mundo por meio de Seu ensino, pregação e cura, Seu sofrimento, morte e ressurreição. Em tudo isso, Jesus revelou a bondade e o amor de Deus ao nosso mundo escurecido pelo pecado, para tomar emprestada a imagem de luz de João, uma imagem muitas vezes ligada à época da Epifania.

O que o nosso mundo precisava e ainda precisa tanto, e o que Cristo veio nos trazer: bondade, luz, vida e esperança. Ele ilumina as nossas vidas e o nosso mundo com a Boa Nova do amor de Deus para todos nós e com a mensagem de como esse amor pode tomar forma agora na nossa situação humana.

O Pai não ungiu Jesus com o poder do Espírito em vão, nem Jesus nos deu o poder do Seu Espírito sem efeito. Assim como a bondade de Deus foi vivida em Cristo, trazendo luz e esperança, nosso Batismo em Cristo e o poder do Espírito que vem com ele podem dar frutos em nossas vidas. Somos o povo da promessa, os instrumentos de Deus para trazer a Sua salvação ao mundo.

Referências bibliográficas

BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA. Sociedade Bíblica do Brasil.

BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA. Sociedade Bíblica do Brasil.

CATECISMO MAIOR. Do Batismo. In: *Livro de Concórdia*. 6. ed. Porto Alegre: Editora Concórdia; São Leopoldo: Editora Sinodal; Canoas: Editora da ULBRA, 2006.

KIDNER, Derek. *Gênesis*. Introdução e Comentários. São Paulo: Vida Nova, 1981.

KIDNER, Derek. *Salmos*. Introdução e Comentários. São Paulo: Vida Nova, 1973.

LUTERO, Martinho. O Sacramento do Batismo. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Editora Sinodal; Porto Alegre: Editora Concórdia, 1989, v.2.

LUTERO, Martinho. Um Sermão sobre o Santo, Venerabilíssimo Sacramento do Batismo. In: *Obras Seleccionadas*. Editora Sinodal: São Leopoldo; Porto Alegre: Editora Concórdia, 1987.

MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos*. Introdução e Comentários. São Paulo: Vida Nova, 2005.

Rev. Jovane França